

RESENHA: PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO: manual de instruções dos verdadeiros discípulos de Cristo.

Luciano dos Santos Melo¹

SHEDD, Russell P. **Nos passos de Jesus:** uma exposição de 1 Pedro. 1. ed. Reimpressão, São Paulo: Vida Nova, 2007.

Russell P. Shedd (1929-2016) foi Ph.D. em Novo Testamento pela Universidade de Edimburgo, Escócia, fundador das Edições Vida Nova há 50 anos e consultor da Shedd Publicações². Lecionou na Faculdade Teológica Batista de São Paulo, sendo aclamado no Brasil e no exterior como conferencista. Além disso, escreveu várias obras publicadas pelas Edições Vida Nova e Shedd Publicações. O livro *Nos passos de Jesus: uma exposição de 1 Pedro*, publicado pela Editora Vida Nova, desde o seu lançamento tem sido reconhecido como um livro de referência na área de exposição bíblica.

No intuito de facilitar a tarefa de interpretação, Russell divide sua obra em uma introdução e mais 22 partes correspondentes aos 5 capítulos da primeira epístola de Pedro. Cada parte está mencionada pelo tema e sua referência bíblica entre parênteses. O autor utiliza recursos simples, porém essenciais para auxiliar na correta interpretação. Um exemplo disso é uma exposição hermenêutica com base no original grego e seus reais significados, o que possibilita mais consciência na interpretação. Outro recurso simples utilizado é a explicação do contexto cultural da época. Ele se utiliza desse recurso sem se alongar demasiadamente, mas de forma clara e objetiva para o entendimento do leitor.

¹ Mestre em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná, (FABAPAR), integrante do grupo de pesquisa “Leitura e Interpretação de Textos Bíblicos”. Especialista em Ciências da Religião; Filosofia e Sociologia pela Universidade Candido Mendes (UCAM); e em Neurociência e Física da Consciência pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e também em curso livre pelo Instituto de Teologia Logos. É ainda graduando em Biomedicina. Contato: stsmelo@hotmail.com

² Informações retiradas do site da Editora Vida Nova. Vide referências no final da resenha.



De acordo com Russell, Pedro é um apóstolo que apesar de ser chamado de apóstolo dos judeus, provavelmente deve ter pregado fora das sinagogas. Após a tentativa frustrada de Herodes de matá-lo, ele foi levado ao mundo gentio (At 12.17). Ele escreve para dispersos que poderiam ser judeus ou gentios convertidos a Cristo (eleitos e forasteiros).

A “presciência”, citada no segundo versículo da carta (1 Pe 1.2), não significa que Deus escolheu seus eleitos baseado no conhecimento de quem seriam os que voluntariamente se submeteriam a sua vontade. Russell argumenta que é preciso levar em consideração o significado da palavra “presciência” no hebraico. Entretanto, o autor não expõe detalhes sobre isso. Quanto à aspersão do sangue de Cristo, citada nesse mesmo versículo (1 Pe 1.2), é resumidamente relacionada à purificação, a uma nova aliança e à consagração de sacerdotes para o acesso à presença de Deus.

Ao analisar os versos seguintes (1 Pe 1.3-5), Russell esclarece como era uma carta do primeiro século. Saudação, oração de gratidão e louvor era o formato comum. Segundo ele, nesse trecho da carta Pedro enumera as razões para o Pai ser digno de todo o louvor: sua misericórdia; o fato do novo nascimento ser concretizado por meio da ressurreição de Cristo; a vida em Cristo hoje é um sinal do que Deus nos dará na eternidade (por isso salvação é chamada “viva esperança” 1 Pe 1.3); e a solidez da herança que Deus reserva. O “último tempo” (1 Pe 1.5) ainda não ocorreu devido à desobediência da igreja à ordem evangelística e missionária, o que causa uma demora na chegada desse tempo.

Russell diz que a alegria do cristão é produzida pelo Espírito Santo, completamente desprovida de estímulos materiais ou mundanos. Além disso, Deus pretende que a fé seja purificada com os sofrimentos. Isso faz com que a interpretação do sofrimento como obra do diabo, no mínimo, não deve ter uma primazia cega. O propósito da vida cristã é apresentado em três palavras: louvor, glória e honra (1 Pe 1.7). Ainda em relação ao primeiro capítulo da carta, o autor apresenta o trecho geralmente confuso dos versos 10 ao 12 e diz que os profetas (v.10) não eram os profetas do Antigo Testamento, e sim do Novo Testamento, colegas do apóstolo em Roma que receberam informações a respeito da salvação que os leitores receberiam pela graça. Os sofrimentos (v.11) não eram sofrimentos do próprio Cristo, mas dos seus servos, pois no original grego o significado é “em” ou “para” Cristo.



Na exposição do segundo capítulo, Russell explica que crer no evangelho significa obedecer a Cristo. Além disso, dá ênfase ao crescimento espiritual que é demonstrado por uma vida de santidade e de amor ao próximo, ou seja, bons frutos. As ofertas e sacrifícios de hoje são espirituais (1 Pe 2.5). Um exemplo disso é citado em Hebreus 13.15-16, que entende a mútua cooperação e a prática do bem como ofertas agradáveis a Deus. Outrossim, o esclarecimento acerca do sacerdócio recebe seu espaço. Apesar de utilizar o exemplo dos católicos brasileiros (p. 41), serve muito bem aos protestantes que abusam de uma interpretação em favor dos privilégios dos “Ungidos do Senhor”. Pedro diz que não há mais distinção entre clero e laicato, pois todos os cristãos são considerados sacerdócio santo (1 Pe 2.5). Abordando os versos 9 e 10, o autor explica detalhadamente os títulos dados por Pedro à igreja e seu propósito como sacerdotes. Tal propósito é sair do mundo do pecado e proclamar as virtudes de Deus. A igreja, portanto, é considerada o novo Israel de Deus no sentido de uma abertura racial, não mais limitando a nação escolhida aos descendentes físicos de Abraão.

Há um certo destaque para a exposição dos versículos sobre submissão ao governo (1 Pe 2.11-17). Respondendo à pergunta “como os cristãos devem mostrar a nova vida em Cristo?” a obra exalta a submissão, pois é por meio dela que Pedro responde a essa pergunta (1 Pe 2.13). Por isso, o exemplo de Cristo também é de suma importância, ou seja, aquele que sofreu fazendo o bem e sendo submisso (1 Pe 2.21). Acerca do sofrimento para os que seguem o exemplo de Cristo, isto é, mesmo só fazendo o bem, algumas conclusões são apresentadas: no sofrimento e na injustiça, abençoar o inimigo é a certeza de andar no caminho de Cristo; o cristão deve mesmo ansiar por vestes de justiça (Rm 13.14); e é possível experimentar a alegre entrega a Deus do mal merecido.

Avançando para o terceiro capítulo, Russell é incisivo em afirmar que Deus colocou o homem como o líder da família. Por isso, Pedro ensina a submissão das esposas. É uma submissão que reflete o temor a Deus, assim como de um escravo pelo seu senhor. O espírito manso de uma esposa pode ser capaz de atrair o marido para a fé mais do que qualquer crítica ou pregação. Por outro lado, o marido deve respeitar e honrar sua esposa, diferente da época do Novo Testamento em que os rabinos diziam que é melhor queimar a Torá do que entregá-la a uma

mulher. As mulheres naquele contexto eram consideradas apenas um pouco melhores do que os animais (p. 61-62).

Nesse sentido, o autor salienta que Pedro recomenda à igreja algumas atitudes importantes como harmonia, compaixão, amor pelos irmãos, humildade e a rejeição à vingança. Na família de Deus não há lugar para rivalidade. Em seguida, Russell faz a ligação de 1 Pe 3.10-12 com o Salmo 34. Para ele, isso é uma citação do mesmo. Enfatiza como principal lição a busca da paz e do fazer o bem, mesmo sendo perseguido. Interpreta "dias felizes" e "amar a vida" (1 Pe 3.10) como referindo-se à felicidade eterna que os cristãos herdarão. Sendo assim, aqueles que querem herdar essa vida futura em sua plenitude recebem as advertências que seguem nos versos de 1 Pe 3.10-12, a saber, refrear a língua do mal, apartar-se do mal, não falar dolosamente e buscar a paz.

Na última perícope do terceiro capítulo (vv.13-22), Russell explica o trecho polêmico (vv.18-20) sobre a pregação de Jesus aos espíritos em prisão. De acordo com sua exposição, esses são espíritos de seres que viveram antes do dilúvio. Eram seres não totalmente humanos, provavelmente anjos que pecaram (Gn 6.1-7) e, possuindo corpos humanos, coabitaram com mulheres e os geraram. Uma geração pré-diluviana, os *nephilim*. Assim, a pregação de Jesus não foi no sentido de que eles viessem a crer para a salvação, mas de proclamação de vitória.

O capítulo quatro aborda o significado da morte com Cristo. Conforme o versículo 2, o cristão imbuído do pensamento de Cristo decide por uma nova vida longe do pecado. Outro trecho de difícil interpretação também é explicado nessa parte, isto é, o versículo 6. Os "mortos", nesse caso, significa que eles agora estão mortos e enterrados. "Eles morreram porque eram pecadores, participantes da rebeldia de Adão" (p. 75). Alegrar-se no sofrimento por causa de Cristo é um tema esmiuçado pelo autor. O verso de 1 Pe 4.14 aponta para Is 11.2 com a expressão "repousará sobre ele o Espírito do Senhor". Diante disso, uma conclusão sobre o sofrimento é que esse não deve ser rejeitado como obra do diabo, mas reconhecê-lo como um meio da graça mediante o qual Deus nos molda conforme a semelhança de Cristo.

Por último, na exposição do capítulo cinco, Russell ressalta que em seu início há um apelo aos pastores (1 Pe 5.1-4). Ele faz uma exposição longa e delineada do texto que Pedro se dirigiu aos líderes em 1 Pe 5.1-4. Os termos pastor, presbítero e bispo são sinônimos e se referem à mesma pessoa que pastoreia a igreja (Cf. 5.1-2; At 20.17 presbítero; At 20.28



bispos, pastores). O autor também afirma que a promoção de pastor para bispo, no sentido moderno, surgiu no segundo século. De acordo com Russell, há destaque de três qualificações para o pastorado: voluntário, de boa vontade e que seja exemplo de discípulo de Cristo.

Em relação à humildade e à submissão (1 Pe 5.5-6), Russell enfatiza que há recompensa e graça para os humildes. Desse modo, todo prestígio perdido será reavido. O cristão tem a segurança de saber que nada acontecerá sem a permissão de Deus. Por isso, toda a ansiedade deve ser transferida para Ele, isto é, Deus. Sobre o inimigo voraz, o diabo, duas atitudes são descritas por Pedro e que oferecem proteção ao fiel: "sede sóbrios e vigilantes". A primeira, diz o autor, refere-se à maturidade, evitando altos e baixos emocionais de desespero; a segunda, vigilância, é a lucidez acompanhada da consciência dos perigos sutis e ocultos. Ao final da epístola, segundo Russell, as últimas palavras de Pedro formam um desejo em forma de oração: "Paz seja com todos vós que estais em Cristo Jesus". (1 Pe 5.14).

Em síntese, "Nos passos de Jesus" é uma obra de cunho hermenêutico bem estruturada e que atende ao propósito de exposição teológica. De maneira a despertar a reflexão, sempre faz perguntas em que os leitores são obrigados a pensar mais profundamente. Nesse sentido, utiliza em abundância as referências bíblicas, seja para explicações teológicas ou para demonstrar as que o autor da epístola provavelmente mencionou. Uma crítica construtiva que pode ser apontada se encontra logo no início da obra, na exposição do primeiro capítulo (1 Pe 1.1-2), trecho em que aparece a famosa expressão "eleitos segundo a presciência de Deus Pai", no qual o autor entra na questão do ministério da eleição, porém, não completa o esclarecimento. Segundo ele, presciência não quer dizer o que normalmente se entende por esse termo, ou seja, não quer dizer que Deus sabia antecipadamente quem seriam os que agiriam de acordo com sua vontade, e por isso os elegeu. Presciência não se refere a isso. Todavia, Russell deixa de esclarecer o que de fato significa, dizendo apenas que se deve atentar para o significado da palavra em hebraico (p. 13). Bruce (2008, p. 2156), apesar de dizer que o pré-conhecimento deve ser entendido como em Rm 8.28-30 e Ef 1.3-6, também escreve que "a função de Deus Pai é a da escolha de acordo com o pré-conhecimento".

Excetuando essa parte em que o autor não completa sua exposição, o livro é bem fundamentado e explicativo. Uma passagem confusa, por exemplo, mas bem explicada pelo autor, é a que fala de Jesus pregando

aos “espíritos em prisão” (1 Pe 3.13-22). O autor entende que os espíritos em prisão são provavelmente anjos caídos de Gn 6, que possuíram seres humanos e assim coabitaram com mulheres gerando seres não totalmente humanos, os *nephilim*. Nesse caso a pregação significa basicamente uma proclamação de vitória e não uma palavra com a expectativa de salvação. Apesar de não ser das mais comuns, tal interpretação encontra paralelo em Wiersbe (2008, p. 796), que após comentar sobre as várias correntes interpretativas, escreve: “uma boa explicação para isso é que os ‘espíritos em prisão’ são os anjos caídos de Gênesis 6 que se associaram às filhas dos homens, e como explica Judas 6-7...”.

Em resumo, a obra é de fácil entendimento, quase sempre bem argumentada, por isso é indicada para qualquer pessoa que queira mais conhecimento teológico e também aqueles que buscam aprofundamento cristão, pois o que o autor faz é demonstrar como é ou como deve ser a vida de um discípulo de Cristo, desconstruindo o tipo de imaginário popular em que o cristão não sofre, não passa por grandes dificuldades, mas logo torna-se um acumulador de bênçãos pessoais, materiais e profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUCE, F.F. (Org.). **Comentário Bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroger. São Paulo: Editora Vida, 2008.

VIDA NOVA. Autores: Russell P. Shedd. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.vidanova.com.br/livros/autores/russell-p-shedd>. Acesso em: 29 de dez. 2022.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Wiersbe**: Novo Testamento. Traduzido por Regina Aranha. Santo André - SP: Geográfica, 2008. v.2.

